

# A Epigrafia na Exposição de Escultura Romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia <sup>1</sup>

Justino Mendes de Almeida \*

## Resumo

Palestra proferida pelo autor no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, por ocasião da Exposição de Escultura Romana. Ocupa-se de quatro monumentos epigráficos daquele Museu, cujos textos comenta, e exorta os jovens a dedicarem-se à Epigrafia, ciência que em Portugal teve noutros tempos exímios cultores, mas que hoje se encontra num estado de quase obscuridade.

## Summary

*A lecture given by the author in the National Museum of Archaeology and Ethnology (Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), on the occasion of the Exhibition of Roman Sculpture. It deals with four epigraphic monuments belonging to the Museum, whose texts he comments and exhorts youth to devote themselves to Epigraphy, a science in which Portugal possessed in former days expert followers but which unfortunately is nowadays almost unknown.*

---

<sup>1</sup> Palestra proferida no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, na noite de 28 de Agosto de 1980.

\* Vice-presidente do I. P. P. C.

# A Epistola in Expositio de Escribitura Romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia

The present volume is a translation of the Latin text of the Epistola in Expositio de Escribitura Romana, a work by the Roman jurist and orator Quintus Mucius Scaevola. It is a treatise on the law of procedure, and is one of the most important sources for the study of Roman law. The text is written in a clear and concise style, and is a valuable contribution to the history of law and literature.

The present volume is a translation of the Latin text of the Epistola in Expositio de Escribitura Romana, a work by the Roman jurist and orator Quintus Mucius Scaevola. It is a treatise on the law of procedure, and is one of the most important sources for the study of Roman law. The text is written in a clear and concise style, and is a valuable contribution to the history of law and literature.

The present volume is a translation of the Latin text of the Epistola in Expositio de Escribitura Romana, a work by the Roman jurist and orator Quintus Mucius Scaevola. It is a treatise on the law of procedure, and is one of the most important sources for the study of Roman law. The text is written in a clear and concise style, and is a valuable contribution to the history of law and literature.

A quem percorreu a excelente exposição de escultura romana, patente no átrio do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, fruto da capacidade e dinamismo dos seus dirigentes, e da prestimosa colaboração de outros técnicos e de pessoal auxiliar, depararam-se-lhe, de entre as sete dezenas de peças expostas, quatro monumentos epigráficos de rara beleza. São, pela ordem por que os apresenta o folheto-guia do visitante:

1. Ara consagrada a Endovélico, proveniente do santuário desta divindade, no local que é hoje S. Miguel da Mota, no concelho do Alandroal.
2. Ara dedicada a Marte, proveniente da famosa vila lusitano-romana de Torre de Palma, no concelho de Monforte.
3. Urna cinerária, de proveniência desconhecida (v. fotografias).
4. Ara consagrada aos Manes, proveniente de Avis.

Os monumentos figuravam na exposição mais pelo seu valor escultórico do que epigráfico, se bem que este também seja importante. Outros aspectos haveria a salientar neles, como a simbologia religiosa, mas, neste momento, vamos ocupar-nos do estudo epigráfico dos mesmos, quando mais não seja ao menos para lembrar que esses estudos não estão de todo descurados em Portugal, embora se processem numa mediania que só de longe recorda os tempos de Mestre Leite de Vasconcelos. *Mestre*, neste caso, e não em muitos outros, é superlativo de *professor*.

Escreveu um dia Manuel Heleno, por largos anos director deste Museu, e nem sempre correctamente julgado, que “com a morte de Leite de Vasconcelos os estudos da época lusitano-romana entraram em franca decadência”. Tinha razão Manuel Heleno, pois, para nos circunscrevermos ao sector da Epigrafia, poucos foram os nomes que sobressaíram, e, destes, um só brilhou a grande altura, o Prof. Scarlat Lambrino, romeno refugiado e radicado em Portugal, e que, na Faculdade de Letras de Lisboa, depois de ter sido colaborador do grande latinista francês J. Marouzeau, exercia o magistério com elevada profi-

ciência. A sua morte, inesperada, foi profundamente lamentada por todos os que beneficiavam do seu ensino ou da leitura dos seus trabalhos. Também o seu discípulo Prof. D. Fernando de Almeida, cujo convívio, afável e distinto, tanto apreciávamos, foi infatigável pesquisador e divulgador de monumentos epigráficos, a par da intensa actividade que desenvolveu nos domínios da Arqueologia em geral, no que se notabilizou como orientador e estimulador de vocações nas camadas jovens.

O declínio dos estudos epigráficos em Portugal foi uma consequência inevitável do desinteresse pelo conhecimento da língua latina. Esta grave lacuna do sistema escolar português nunca mais foi remediada, e já agora não sabemos se o será algum dia: aí estão à vista os seus resultados catastróficos, infelizmente projectados na parte mais nobre do património cultural português que é a língua pátria. Assim, a Epigrafia sofreu rudemente o embate da quase supressão do ensino da língua latina, quer no plano dos estudos secundários, quer universitários.

Mas o que é a Epigrafia? Teremos de nos servir da definição mais corrente, que, divulgada por René Cagnat, um clássico da epigrafia latina, foi repetida por estudiosos de diferentes nacionalidades: é a ciência das inscrições. Palavra relacionada com o grego *epigraphê*, encerra um matiz semântico de *gravação*, dado pelo preverbo *epi-*, que a definição generalizada não exprime. *Epigraphê* em grego, *titulus* em latim; o vocábulo *inscriptio* tinha um significado diferente. Também neste caso o uso tem força de lei; portanto, “ciência das inscrições”, que naturalmente se não restringe à leitura ou decifração dos textos, mas sobretudo à interpretação dos mesmos, e deles retira todos os ensinamentos possíveis, que hão-de aproveitar a outras ciências. Neste sentido, a Epigrafia é tão útil à História como à Linguística. Por isso mesmo, é pouco correcto designar a Epigrafia como “ciência auxiliar da História”, pois é antes uma ciência a par da História. Aquela designação reduz injustamente o conceito de epigrafia como ciência: que assim é, temo-lo nos planos de estudos das Faculdades de Letras, onde se atribui à História o estatuto de cadeira anual, enquanto a Epigrafia, e outras disciplinas, são tradicionalmente semestrais, o que já não é exacto.

Regressemos ao nosso tema, e detenhamo-nos nos textos que devemos comentar. É o primeiro, como dissemos, um monumento consagrado ao deus lusitânico Endovélico, ao qual Mestre Leite de Vasconcelos se referiu por mais de uma vez:

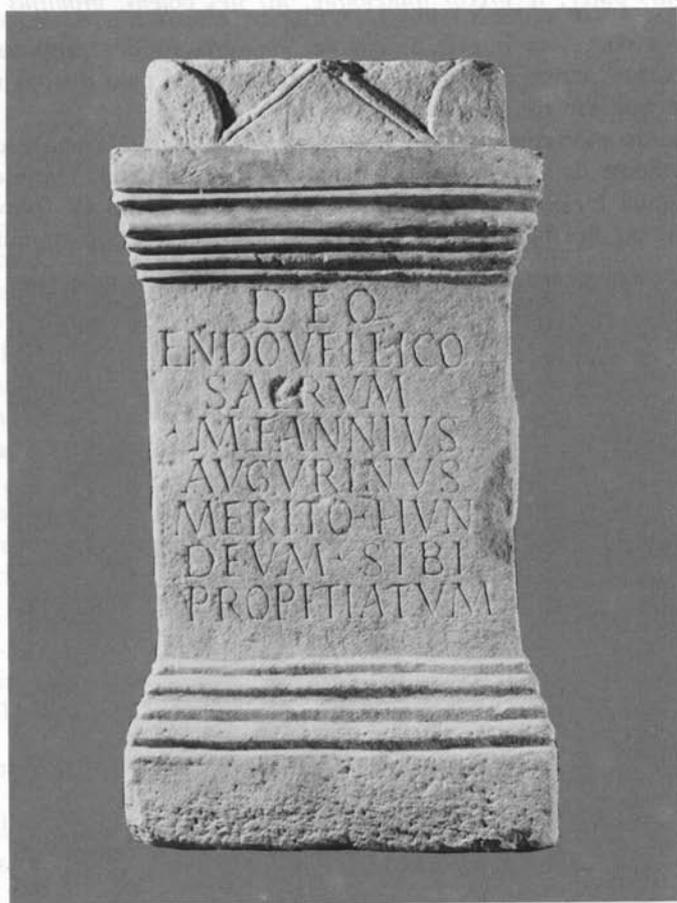
DEO / ENDOVELLICO / SACRVM / M(arcus) FANNIVS /  
/ AVGVRINVS / MERITO HVN(c) / DEVM SIBI / PROPITIATVM

Palavras separadas por *triangula distinguentia* (pontos triangulares); um também no início da 4.<sup>a</sup> linha, facto talvez único, testemunho da perda de noção do valor da pontuação. Uma versão portuguesa:

“Consagrado ao deus Endovélico. Marco Fânio Augurino merecidamente honrou este deus, que lhe foi propício.”

A composição da palavra céltica *Endovellicus* dá-lhe um significado muito

próximo do latim *optimus*, em português, “muito bom”. A testemunhar a origem céltica do mitónimo temos, entre outros elementos, nomes de dedicantes, de origem céltica inequívoca, registados em inscrições do santuário de Endovélico; por outro lado, o santuário localizava-se numa região de celtas.



Endovélico, divindade tópica, era um *numen loci*, protector da região. Tinha o santuário no alto de um monte, onde, como em tantos outros casos, com aproveitamento de materiais do santuário de Endovélico, o Cristianismo, que nem sempre extinguiu o Paganismo, erigiu um templo consagrado a S. Miguel, patrono da Medicina; do nome de um local vizinho adveio-lhe o designativo *da Mota*.

No reverso do monumento, gravou-se a figura de um porco, uma das oferendas à divindade: o culto dos montes fez parte do culto geral votado à deusa *Tellus*, à qual se sacrificava uma porca, não sendo assim estranha aquela representação no monumento; do lado esquerdo e do direito do mesmo insculpíram-

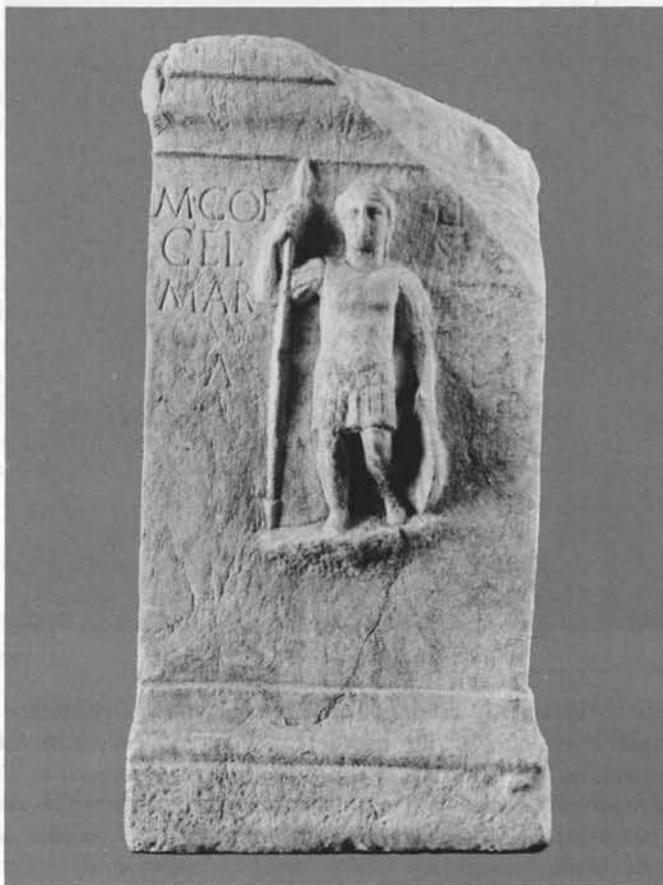
-se, respectivamente, uma coroa e uma palma, ambas símbolos da imortalidade, do triunfo sobre a morte.

Digamos, por último, que o vocábulo *propitiatum* não é corrente na linguagem das inscrições. O seu sentido apercebe-se sem dificuldade se recordarmos esta fórmula citada por Catão, no cap. CXLI do *De re rustica*:

*Mars pater, te precor quaesoque, uti sies volens, propitius mihi.*

No caso da nossa inscrição, em vez de uma súplica propiciatória, deve entender-se antes como a erecção de um monumento pelo devoto reconhecido à divindade que lhe foi propícia.

O segundo monumento é uma ara dedicada a Marte. Trata-se de um mármore proveniente da vila lusitano-romana de Torre de Palma (Monforte), a que o Prof. Manuel Heleno dedicou um bom estudo no tomo IV (Nova Série) de "O Arqueólogo Português". Eis a sua descrição, exacta, do monumento:



"Próximo encontrou-se posteriormente uma ara na face da qual se vê insculpida em alto-relevo a figura de Marte, uma das mãos apoiada sobre o escudo redondo (*clipeus*), a outra empunhando uma lança. A sua representação

pode comparar-se à duma pedra de anel encontrada no concelho de Loulé (“Religiões”, III) e à figurada no fundo duma *pátera* que pertenceu a Teixeira de Aragão e que depois foi adquirida e cedida por Mélida ao Museu Etnológico, em cujo tesouro se encontra. A inscrição, dedicada a Marte, por M. COELIVS CELSVS, que o fez de bom grado, poderia, pela sua capital quadrada, localizar-se no século I de Cristo, mas a escultura só autoriza uma época pelo menos um século posterior. O seu teor é como se segue:

M. COELI(us)  
 CELSVS  
 MARTI  
 A L ”

O texto latino terá a seguinte significação:

“Marco Célio Celso a Marte de bom grado (*dedicou*).”

Esta inscrição foi também objecto de uma comunicação do Prof. Manuel Heleno ao Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, em 15 de Abril de 1959. Segundo o Prof. Heleno, e, a meu ver, bem, observa-se na lápide uma inscultura da própria divindade. Note-se o escudo redondo, à maneira lusitânica.

A grafia COELI(us) levanta algumas dúvidas; é possível que esteja por CAELIVS, gentílico corrente na epigrafia latina. De resto, a confusão *ae/oe* era uma constante.

O terceiro monumento é uma urna cinerária, de mármore, de proveniência desconhecida, com um texto muito curioso, não devidamente estudado até hoje:

DIIS . MANIBVS / P(ublio) . CLODIO . IVVENI  
 VIX(it) / ANNIS . LXX . FECIT / P(ublius) . CLODIVS  
 FORTVNATVS / PATRONO SVO BENEMERENTI.

Em português:

“Aos deuses Manes. A Públio Clódio Jovem, que viveu 70 anos, mandou fazer Públio Clódio Fortunato ao seu patrono que bem o merecia.”

Repare-se: *Jovem*, e não *o Jovem*, forma esta que corresponderia de preferência ao latim *Secundus*. Notem-se as particularidades gráficas, fonéticas e semânticas de *Diis*, *Manibus*, *Clodius* e *patrono*: a primeira, além de ser menos corrente que *Dis*, tem a particularidade de apresentar a primeira vogal mais elevada do que a segunda; ora nós sabemos que, em geral, este aspecto gráfico é interpretado como representação de vogal longa, o que é contrariado pelo exemplo do nosso texto, em que a primeira vogal é breve; a segunda, *Manibus*, apresenta-se por extenso, o que não é a forma mais corrente; a terceira, *Clodius*, com redução do ditongo *au* a *o*, é forma rústica ou dialectal, segundo o testemunho de Festo:

*orata genus piscis appellatur a colore auri, quod rustici orum dicebant.*

Mas o exemplo mais frisante é aquele de Suetónio, na vida de Vespasiano, 22: *Mestrium Florum consularem, admonitus ab eo plaustra potius quam plostra dicenda, postero die Flaurum salutavit,*



“Advertido pelo antigo cônsul Méstrio Floro de que devia pronunciar *plaustra* e não *plostra*, (*Vespasiano*), no dia seguinte, saudou-o chamando-lhe Flauro.”

O último vocábulo, que uma leitura apressada levaria a pensar em *patrino* — o que faria deste exemplo um hápax de grande interesse para a Romanística, e, por conseguinte, para a Lusitanística —, é *patrono*, sem margem para dúvidas.

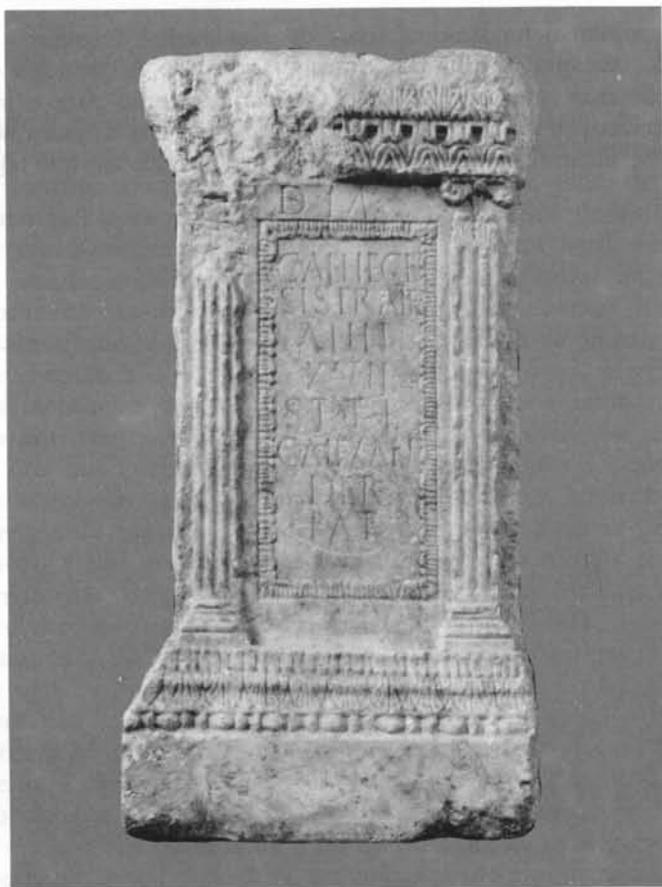
O quarto monumento, uma ara dedicada aos Manes, proveniente de Avis, como se disse:

D(is) M(anibus) S(acrum) / CAL(purnia) (?) . HEGE / SISTRATE /  
/ ANN (orum)XVII / S(it)

T(ibi) T(erra) L(evis) / C(purnius) . ALEXAN / DER / PAT(er)

Versão portuguesa:

“Consagrado aos deuses Manes. Calpúrnia (?) Hegesístrate, de 17 anos (*aqui jaz*). Que a terra te seja leve! Calpúrnio Alexandre, seu pai (*mandou fazer*).”



Note-se o onomástico de origem grega e a gravação dentro de moldura com a forma de portada, com verga e soleira ornamentadas, e cujos lados são formados

de duplas pilastras coríntias, com os capitéis destruídos do lado esquerdo (descrição de Mestre Leite de Vasconcelos).

Na face esquerda da ara, vê-se uma pomba a debicar nos frutos de uma árvore desfolhada: será, ainda segundo Leite de Vasconcelos, um emblema da alma do morto, que desfruta os gozos do Paraíso. No entanto, não podemos deixar de aproximar esta representação da que se vê no cipo funerário de Júlia Vitorina, actualmente no Museu do Louvre, reproduzido por Franz Cumont nas suas monumentais *Recherches sur le symbolisme funéraire des Romains* (Paris, 1942, pp. 243-244), e em que tal simbologia é interpretada como a representação do loureiro de Apolo, deus solar, cujas bagas as aves vêm debicar.

Na face direita ainda se distingue um javali (uma javalina?), de representação frequente em monumentos da Lusitânia e fora dela.

---

Penso ter dito o fundamental sobre os monumentos epigráficos incluídos na exposição de escultura romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Foi, antes de mais, um pretexto para chamar a atenção para o interesse dos estudos epigráficos, e solicitar que façamos, todos nós, quanto pudermos, para que tais estudos se intensifiquem e saiam da quase obscuridade em que hoje se encontram.